

TESTEMUNHO DA INTERVENÇÃO

SESSÃO DE ENCERRAMENTO



Fernando Paiva de Castro

“A batalha de internacionalização dos negócios na região tem que ser desenvolvida em várias frentes, embora não conheça detalhadamente a nova proposta do Programa Internacionalizar para internacionalizar a economia (...) julgo que as frentes de ataque que deverão ser ensinadas, não só para a perspetiva do aumento de exportações e diversificação de mercados, mas também o da substituição das importações, assim como a captação de investimento direto estrangeiro.”

“Tal como prometido de manhã, aqui estou novamente.

Exm^o Sr. Secretário de Estado da Internacionalização, Henrique Brilhante Dias, minhas senhoras e meus senhores, antes de mais, cumpre-me a obrigação de publicamente agradecer a Sua Excelência Secretário de Estado ter aceite o desafio de vir até nós, a esta bela região de Aveiro.

No ano passado, aquando do encerramento do 5^o Fórum da AIDA, realizado em Albergaria-a-Velha o senhor Secretário de Estado de então, sugeriu, que o próximo Fórum fosse realizado em Lisboa, pois seria uma forma para mostrar e demonstrar a capacidade do nosso expedito.

Temos muito orgulho nessa capacidade. Estamos convictos. Por isso é e será no nosso distrito que continuaremos a desenvolver os nossos eventos próximos dos nossos empresários, ainda que reconheçamos a beleza da cidade de Lisboa, e lamentemos o quanto estamos dependentes das muitas decisões que são e não são tomadas cá.

Por isso, Senhor Secretário de Estado, em nome da AIDA e dos empresários deste distrito, os nossos eternos agradecimentos por ter aceite deslocar-se para o terreno e ousar a desafiá-lo a voltar sempre que puder. Porque esta região tem muito para apreciar, em múltiplos aspetos. E estou seguro que sempre que o fizer, nunca se arrependerá. Ainda que, corra o risco, de nem sempre ouvir aquilo que mais lhe agradará.

Bom, estamos a caminhar para o fim de mais uma jornada de trabalho, que desejo que esteja a corresponder às expectativas de todos.

Conforme referi de manhã é tempo da discussão sobre a internacionalização e porque ficou aqui demonstrado, a discussão do tema da internacionalização de negócios, não se esgota numa sessão como esta.

Também referi de manhã que uma das preocupações para a realização do evento de hoje, era a importância que ele se reveste para a economia nacional e não só da região.



SESSÃO DE ABERTURA
José Ribau Esteves



SESSÃO DE ABERTURA
Fernando Castro



SESSÃO DE ABERTURA
José Carlos Caldeira



I PAINEL
Os Novos Desafios para a Internacionalização
António Silva



II PAINEL
As oportunidades de negócio no mercado da Alemanha
Simeon Ries



II PAINEL
As oportunidades de negócio no mercado dos E.U.A.
Graça Didier

TESTEMUNHO DA INTERVENÇÃO

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Fernando Paiva de Castro

Efetivamente, os distritos de Portugal e o distrito de Aveiro em particular, dispõem de um tecido empresarial com uma capacidade produtiva instalada, que supera em muito as necessidades dos nossos mercados domésticos, havendo por isso que encontrar outros mercados, a quem aquelas produções possam interessar.

Por outro lado, o país também tem carências de outras matérias-primas e produtos, porque tem que recorrer à sua importação e conseqüente pagamento. E esta conta-corrente entre importações e exportações, conseqüentemente entre recebimentos e pagamentos, traduz-se naquilo que nós conhecemos pela balança comercial, em que todos queremos que o prato das exportações pese mais do que o das importações, mas infelizmente, tal não acontece, como sabemos. As estatísticas reportadas ao final do mês de agosto último publicadas há poucos dias pelo INE, assim o confirmam.

As exportações, apesar de percentualmente terem subido 14,3% mais do que as importações [12,8%], não conseguiram evitar que o valor do défice da balança comercial crescesse 105 milhões de euros, face ao período homólogo de 2016, elevando em termos acumulados para 1.316 mil milhões de euros.

Já estivemos pior, mas episodicamente também já estivemos melhor. Nos últimos anos, as nossas exportações têm crescido a bom ritmo, passando da casa dos 20% do PIB para a casa dos 40%, graças ao esforço empenhado dos nossos empresários, que com determinação souberam enfrentar a crise e traçar o caminho de longa rota que vivemos em 2011.

É necessário ir mais além, as exportações têm que superar 50% do PIB para que aspiremos a ter uma economia nacional sustentável. V. Ex.^a Sr. Secretário de Estado reconheceu ontem quando afirmou em determinado momento que Portugal deve atingir a médio prazo 50% das exportações do PIB ou então terá grandes dificuldades em competir. Foi isso que li na imprensa.

Também foi divulgado recentemente pelo INE que cerca de 70% das exportações portuguesas exporta para um só mercado e segundo a mesma fonte, os 10 principais mercados em que se encontram os mercados próximos da Europa, Marrocos e Estados Unidos, somam cerca de 76% daquilo que exportamos, por isso é um panorama que temos que empenhar e modificar.

A batalha da internacionalização dos negócios na região tem que ser desenvolvida em várias frentes, e como já aqui foi dito, embora não conhecendo detalhadamente a nova proposta do Programa Internacionalizar para internacionalizar a economia, recentemente aprovada pelo Governo e sobre o qual certamente V. Ex.^a Sr. Secretário de Estado nos irá transmitir algumas ideias, na minha opinião, aquelas frentes de ataque deverão ser ensinadas, não só para a perspetiva do aumento de exportações e diversificação de mercados, mas também o da substituição das importações, assim como a captação de investimento direto estrangeiro.

Muito trabalho de casa há para fazer. Não só das empresas, no sentido de se capacitarem para a internacionalização, pois não é qualquer empresa que consegue atingir tal objetivo. Apenas 3% das empresas portuguesas consegue exportar.

Creio que isso se deve ao facto de termos conhecimento empresarial iluminado por 99% de micro, pequenas e médias empresas conforme também já aqui foi referido. Percentagem esta, bem acima da média europeia, com a agravante de no último ano, a percentagem de micro e pequenas empresas ter aumentado acima da média europeia e curiosamente médias empresas abaixo.

Não será assim que conseguiremos aumentar o número de empresas exportadoras e aumentar as nossas exportações. Por um lado, o tema já foi aqui referido, as



I PAINEL
As oportunidades de negócio no mercado da França
Géraldine Dussaubat



I PAINEL
Testemunho do Empresário
Jorge Santiago



II PAINEL
A Economia Portuguesa: Passado e Futuro
Rui Rio



II PAINEL
Fernando Alfaiate



II PAINEL
Jorge Marques dos Santos



II PAINEL
Jorge Portugal



SESSÃO DE ENCERRAMENTO
Fernando Castro



SESSÃO DE ENCERRAMENTO
José Ribau Esteves



SESSÃO DE ENCERRAMENTO
Eurico Brilhante Dias



CONCLUSÕES

TESTEMUNHO DA INTERVENÇÃO

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Fernando Paiva de Castro

parcerias poderão derrubar as barreiras de individualismo.

Por outro lado, é reconhecido um nível de endividamento e descapitalização das empresas. O Programa Capitalizar Mais vai avançando, mas devagar de mais para aquilo que seria necessário. Cerca de 50 medidas propostas no ano passado pelas estruturas de admissão, ainda não foram implementadas, apesar de serem medidas reclamadas há dois anos.

Ouvimos o Sr. Primeiro Ministro a pronunciar que o Orçamento de Estado 2018, vai contemplar medidas que facilitarão a capitalização das empresas. Ainda bem. Mas repito, é devagar demais, porque o nosso atraso é bastante grande.

Descapitalizadas, as nossas empresas têm enormes dificuldades em recorrer a financiamentos para fazer face a novos investimentos, reforçar stocks ou promover reestruturações, sem os quais não poderão melhorar a sua produtividade interna. E se analisarmos algumas estatísticas comparativas sobre produtividade, Portugal está na cauda, numa Europa a vinte e oito. Por isso, a taxa de execução das candidaturas do Portugal 2020 está a ser demasiado baixa, para o qual também está a contribuir a morosidade nos pagamentos àqueles que tiveram possibilidade de ver as suas candidaturas aprovadas.

Na batalha pela competitividade, continuam por vencer inúmeros obstáculos recorrentes, como a exagerada carga fiscal, os custos da fatura energética, da complexa legislação laboral, da falta de investimento público em vias de comunicação que facilita transportes e mercadorias, nomeadamente das ferrovias ligação à Europa, em que se destacam as cidades da ligação, Aveiro, Viseu, Salamanca.

Volto a referir o que já referi em Albergaria-a-Velha. Custa-me a compreender que não haja dinheiro para determinadas coisas, mas que se aceite transferir para o Orçamento de Estado, um défice de cerca de 800 milhões euros da Carris.

Bom, se não conseguirmos vencer aqueles obstáculos também dificilmente conseguiremos atrair e trazer pessoas para o nosso país, tão carecido que está a nível financeiro. E na minha perspetiva, este investimento estrangeiro que é de enorme prioridade, porque não só cria postos de trabalho, como contém em si um enorme potencial de exportações.

Não me quero alongar muito, mas diria ainda que fora de portas, isto é, além-fronteiras, também assim há um trabalho a desenvolver, fruto dos contactos que vão registando.

É necessário e urgente reforçar e melhorar as condições de trabalho das nossas representações da AICEP, para que sejam autênticas antenas de captação e divulgação de oportunidades de negócio e da boa imagem de Portugal.

Na nossa opinião, o trabalho da AICEP deveria ser tutelado pelo Ministério da Economia e não pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Para nós, a diplomacia económica é necessária, mas será mais eficaz que seja a economia a dirigir a diplomacia nos negócios. Muito mais queria acrescentar, mas o relógio já vai longo e estamos ansiosos por ouvir V/ Ex.^ª Secretário de Estado, a quem não me canso de agradecer a presença neste evento e para quem em breve peço a vossa maior atenção.

Muito obrigado a todos! "